

ISAÍAS CAMINHA, A ABOLIÇÃO E A REPÚBLICA

CARLOS HENRIQUE GILENO*

"(...) Senhor, um romance é um espelho que passeia por uma longa estrada. Ele tanto reflete ante os olhos o azul do céu, quanto a lama dos lodaçais do caminho. E o homem que traz no alforje o espelho será acusado de imoral! Acusem antes o caminho onde se depõe o lodaçal, ou melhor ainda, o inspetor das estradas que deixa que a água empoce e forme o lamaçal. " *Stendhal. O Vermelho e o Negro.*

I. BRAÇOS PARA O TRABALHO?

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) nasceu em um período histórico que trazia em seu bojo a desarticulação do sistema escravocrata e do império. Entretanto, a exemplo da fase imperial, podemos dizer que os adventos da Abolição e da República não promoveram completamente a extirpação das antigas forças e relações sociais, já que harmonizaram, mais uma vez, a pauta entre o "novo" e o "velho". A *República Federativa, o trabalho livre e a imigração de trabalhadores europeus*, frutos dos anseios republicanos e abolicionistas, foram incapazes de romper uma estrutura em que as idéias liberais e o patrimonialismo se tensionavam constantemente.

"(...) predominaram a economia primária exportadora, a política dos governadores manejados pelo governo federal e o patrimonialismo em assuntos privados e públicos. O liberalismo econômico pre-

valecia nas relações econômicas externas, nas quais sobressaía a Inglaterra. Nas relações internas, entre setores dominantes e assalariados, predominava o patrimonialismo. Um patrimonialismo que compreendia tanto o patriarcalismo da casa-grande e do sobrado como a mais brutal violência contra os movimentos populares no campo e na cidade. A repressão posta em prática contra Canudos, na Revolta da Vacina, no Contestado e em outros movimentos revelava algumas das possibilidades mais extremas de uma república simultaneamente liberal e patrimonial."¹

O autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* percebeu essa reconciliação republicana com o passado.

"Uma rematada tolice que foi a tal República. No fundo, o que se deu no 15 de novembro, foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados (...) Toda a nossa administração republicana tem tido um constante objetivo de enriquecer a antiga nobreza agrícola e conservadora, por meio de tarifas, auxílios à lavou- ra, imigração paga, etc. "²

Não obstante, Lima Barreto sabia que a inauguração da República apresentava novos

* Mestre em Sociologia pela Unicamp.

atores à cena política brasileira: o incipiente desenvolvimento da indústria motivou o crescimento quantitativo do operariado, na sua maioria constituído por imigrantes. Nesse sentido, acirraram-se as contradições entre o proletariado e a classe dominante, quebrando a aparente estabilidade do Segundo Reinado, já que as precárias circunstâncias de trabalho dos operários fizeram com que eles, a partir de 1870, se organizassem em *Ligas* e *Unões* para reivindicarem seus direitos. Por outro lado, com a emergência da *ordem social competitiva*, realizada pela implantação do trabalho livre, os negros "libertos" ficaram entregues à *própria sorte*, visto que o Estado e os seus "antigos senhores" desocuparam-se do encargo de integrá-los no âmbito do novo regime de trabalho.³

Se retrocedermos à primeira metade do século XIX veremos que *trabalho escravo* e *latifúndio* formaram as bases que alicerçaram a produção cafeeira do período; produção esta que abarcou, depois de 1840, mais de 40% do valor total das exportações nacionais, fortalecendo tanto a expansão do capital comercial interno como a classe social que o personificava, a burguesia comercial cafeeira. Porém, esse desenvolvimento do capital comercial interno esbarrou no trabalho escravo que limitava a ampliação da produção do café, pelo fato de não estar apoiado numa racionalização das técnicas de produção.

"(...) Como é sabido, éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado, e por outro lado do mercado externo (...) Era inevitável, por exemplo, a presença entre nós do raciocínio econômico burguês - a prioridade do lucro, com seus corolários sociais - uma vez que dominava no comércio internacional, para onde a nossa economia era voltada (...) Havíamos feito há pouco a independência, em nome de idéias francesas, inglesas e

*americanas, verdadeiramente liberais, que assim faziam parte da nossa identidade nacional. Por outro lado, com igual fatalidade, esse conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, conviver com eles (...) Sendo uma propriedade, um escravo pode ser vendido, mas não despedido. O trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade a seu patrão, além de mobilizar menos capital. Este aspecto, um entre muitos - indica o limite que a escravatura opunha à racionalização produtiva. Comentando o que vira numa fazenda, um viajante escreve: 'não há especialização do trabalho porque se procura economizar mão-de-obra. Ao citar a passagem, F.H. Cardoso observa que 'eco-nomia' não se destina aqui, pelo contexto, a fazer trabalho num mínimo de tempo, mas num máximo. E preciso espichá-lo, a fim de encher de disciplina o dia do escravo. O oposto exato do que era moderno fazer. Fundada na violência e na disciplina militar, a produção capitalista dependia da autoridade, mais que da eficácia (...)"*⁴

Em verdade, o trabalho escravo restringia o integral desenvolvimento da produção de café em moldes burgueses, moldes esses que pressupunham, desde a sua gênese, a racionalização crescente das técnicas que constituíam o processo produtivo. Com efeito, logo após a independência de 1822, a Inglaterra determinou que o Brasil extinguisse o regime de cativo, pois esta forma de trabalho obstaculizava uma condições prévias para a existência do modo capitalista de produção, que possui, entre um dos seus aspectos fundamentais, o trabalho livre.⁵

Por conseguinte, para que o processo de acumulação de capital interno no Brasil se acelerasse seria preciso a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, que é um requisito importante para que o capitalismo se constitua enquanto um modo de produção fundado na mais-valia. Assim, para que o trabalho assalariado aparecesse como elemento estruturador do novo modelo de acumulação de capital, foi necessário que

a atividade produtiva do trabalhador se transformasse em mercadoria, possibilitando que ele vendesse a sua força-de-trabalho de forma "livre" em troca de um salário.

*"Nesse momento, a contradição entre a mercadoria e o escravo, ou entre a liberdade e a escravidão, está completamente ultrapassada. Depois de ter atingido a unidade produtiva e o empresário, a racionalidade inerente à economia mercantil alcança também a esfera das expectativas e do comportamento do trabalhador. Assim, o escravo se torna operário."*⁶

A transição do trabalho escravo ao trabalho livre começou a se delinear com o advento da *Lei Eusébio de Queirós*. Após a referida lei o país pôde dinamizar-se social e economicamente, pois a extinção do tráfico teve um duplo mérito: 1) desviar os capitais empregados no tráfico para o mercado interno, fator que possibilitou a expansão do capitalismo na esfera econômica; 2) esgotar a principal fonte fornecedora de mão-de-obra escrava, uma vez que sem o tráfico a escravidão estaria fadada a desaparecer paulatinamente⁷. Nesses termos, o comércio, a manufatura e o sistema de transportes ganharam novos impulsos, estimulando tanto o processo de urbanização como as primeiras tentativas de introdução do trabalho livre. O Brasil, por essa época, estava inserido em uma conjuntura mundial que privilegiava as exportações de produtos primários e, por isso, estava aflorando na Região Sudeste, principal centro exportador de então, um desenvolvimento urbano sem precedentes na história brasileira⁸. Ademais, as atividades produtivas estavam em franco realinhamento, visto que as lavouras tradicionais de cana-de-açúcar, algodão e tabaco das antigas regiões do Norte entraram em declínio, cedendo espaço para a prosperidade da produção do café, que estava se instalando na Região

Sudeste. Desse modo, a Região Norte vendia o trabalhador escravo para as fazendas cafeeiras do Sul e, desde a década dos 60 e 70, já havia instaurado o trabalho livre na sua região. Foi o que notou o *liberal doutrinário* Tavares Bastos.

*"Apontarei o fato de já estarem em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e na Paraíba, os homens livres, admitidos por salários ao trabalho dos próprios engenhos e plantações de açúcar. Digo o mesmo do Ceará quanto à nascente lavoura de café. Não obstante a cólera e a exportação de escravos para o sul, a produção daquelas províncias não têm diminuído: a do Ceará tem aumentado muito. A sua agricultura vai-se melhorando, introduzindo o arado e aplicando os motores a vapor. O senhor de engenho, nas-gumas localidades, quase que se vai mero fabricante de açúcar, sendo plantada por vizinhos, ou lavrado-res agregados, grande parte da cana moída no engenho, o que é uma divisão econômica do trabalho."*⁹

Essa passagem de *Cartas do Solitário* coloca um problema que rondou as idéias dos políticos e intelectuais mais progressistas da segunda metade do século XIX: ou o Brasil optaria pelo regime de trabalho livre ou continuaria a reboque dos países capitalistas mais avançados, que na América eram personificados pelos Estados Unidos e na Europa pela Inglaterra.

*"A emancipação dos escravos não têm íntima relação com o objeto principal do programa, limitado a uma certa ordem de abusos; é porém uma grande questão da atualidade, uma exigência imperiosa e urgente de civilização desde que todos os Estados aboliram a escravidão, o Brasil é o único país cristão que a mantém, sendo que na Espanha essa questão é uma questão de dias. Certo, é um dever inerente à missão do Partido Liberal, e uma grande glória para ele a reivindicação da liberdade de tantos milhares de homens que vi-vem na opressão e na humilhação."*¹⁰

Portanto, existia um forte movimento a favor do trabalho livre, que era associado aos ideais civilizatórios da época. Por exemplo,

os abolicionistas contemplavam na instauração do trabalho assalariado uma maneira de "apagar" da nossa história a existência infausta que o sistema escravista vinha imprimindo durante séculos aos negros, pretendendo integrá-los num ambiente sócio-econômico, político e cultural diverso daquele que se sustentava no latifúndio, na escravatura, na exclusão eleitoral e no analfabetismo.

*"No horizonte, Niam um regime escorado na indústria, no trabalho assalariado, na pequena e média propriedade, no ensino primário gratuito, no sufrágio universal. Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José do Patrocínio, André Rebouças, Luís Gama. Antônio Bento e seus seguidores concebiam a abolição como medida mais urgente que se cumpriria com a reforma agrária, a democracia rural (a expressão é de Rebouças) e a entrada dos trabalhadores em um sistema de concorrência e oportunidade."*¹¹

Entretantes, as posições dos fazendeiros do Centro-Sul nem sempre coincidiram com as propostas modernizadoras e democráticas dos mencionados abolicionistas. Diante da inevitabilidade do desaparecimento do trabalho compulsório, que impunha sérios limites, como já foi dito, à acumulação de capital, os "senhores do café" procuraram extrair o máximo proveito econômico possível dos cativos antes de lançá-los no *lumpen* e na *marginalidade*. Por isso, os fazendeiros paulistas resistiram implacavelmente, até o último momento, à Abolição.¹²

Com efeito, a oligarquia de São Paulo só aderiu à causa abolicionista quando a questão da força de trabalho já havia sido solucionada com a imigração de origem européia efetivada através da subvenção estatal. Por outro lado, será a mencionada oligarquia que irá influir na vida política e econômica nacional nas primeiras décadas da República.

*"(...) Tanto dentro do país como no conceito internacional o Brasil era efetivamente, e só, o café. Vivendo exclusivamente da exportação, somente o café contava seriamente na economia brasileira. Para aquela exportação, o precioso grão chegou a contribuir com mais de 70% do seu valor. Social e politicamente foi a mesma coisa. O café deu origem, cronologicamente, à última das três grandes aristocracias do país, depois dos senhores de engenho e dos grandes mineradores, os senhores do café se tornam a elite social brasileira. E em conseqüência (uma vez que o país já era livre e soberano) na política também. O grande papel que São Paulo foi conquistando no cenário político do Brasil, até chegar à liderança efetiva, se faz à custa do café; e na vanguarda deste movimento de ascensão e impulsionando-o, marcham os fazendeiros e seus interesses. Quase todos os maiores fatos econômicos, sociais e políticos do Brasil, desde meados do século passado até o terceiro decênio do atual, se desenrolam em função da lavoura cafeeira: foi assim com o deslocamento de populações de todas as partes do país, mas em particular do Norte, para o Sul, e São Paulo especialmente: o mesmo com a maciça imigração européia e a abolição da escravidão; a própria Federação e a República mergulham suas raízes profundas neste solo fecundo onde vicejou o último soberano, até data muito recente, do Brasil econômico: o rei café, destronador do açúcar, do ouro e diamantes, do algodão, que lhe tinham ocupado o lugar no passado."*¹³

Era, pois, o triunfo dos fazendeiros de café. Para o *ex-escravo* eles não tinham mais nada a oferecer, já que o trabalho do imigrante substituíra o trabalho compulsório. Esse era um dos motivos da desilusão de Joaquim Nabuco frente aos resultados da campanha abolicionista.

"Com que gente andamos metidos! Hoje estou convencido de que não havia uma parcela de amor ao escravo, de desinteresse e de abnegação que em três quartas partes dos que se diziam abolicionistas. Foi uma especulação mais! A prova é que fizeram esta República e depois dela só advogam a causa dos bolsistas, dos ladrões da finança, piorando infinitamente a condição dos pobres... é certo que os negros estão morrendo e pelo alcoolismo se degradando ainda mais do que quando escravos, porque hoje são livres, isto é, responsáveis, e antes eram puras máquinas, cuja sorte Deus tinha posto em outras mãos (se Deus consentiu na escravidão); mas onde estari-

*am os propagandistas da nova cruzada? Desta vez nenhum seria sequer acreditado [...] Estávamos metidos com financeiros, e não com puritano, com fâmulos de banqueiros falidos, mercenários de agiotas etc; tínhamos de tudo, menos sinceridade e amor pelo oprimido. A transformação do abolicionismo em republicanismo bolsista é tão vergonhosa pelo menos como a do escravagismo."*¹⁴

O fim da escravidão no Brasil se deu de maneira que isentava os antigos senhores de escravos de qualquer responsabilidade para com o negro "liberto". Segundo Florestan Fernandes, nenhuma instituição, seja o Estado ou a Igreja, chamou para si a responsabilidade de integrar efetivamente o *ex-escravo* no novo sistema de trabalho instaurado com a Abolição. Desse modo, destituídos de quaisquer meios materiais e morais, os "libertos" viram-se, repentinamente, lançados numa *ordem social competitiva* que os desamparava. E esse desamparo era sentido de uma maneira profunda pelos *ex-cativos*, uma vez que, pela emergência do trabalho livre, eles se encontraram frente a duas situações nada cômodas: 1) nos locais em que a produção não havia atingido um nível satisfatório de desenvolvimento predominava uma "ordem tradicionalista" que os forçava a preencher o universo produtivo em situações análogas àquelas de antes da Abolição; 2) quando a produção atingia um alto nível de desenvolvimento, os *ex-escravos* adentravam no mercado de trabalho para concorrer com os "trabalhadores nacionais" - que formavam um amplo exército de reserva - e com os imigrantes europeus que, pela particularidade histórica das suas regiões de origem, estavam mais "adaptados" ao regime de trabalho assalariado¹⁵. Portanto, o *ex-escravo*, em vez de ser beneficiado com a sua libertação no quadro da nova conjuntura econômica

brasileira, era sistematicamente afastado das esferas de produção, ficando impossibilitado de atuar nela como um novo agente de trabalho.

Nessa perspectiva, o negro integrou-se marginalmente nos novos ideais de civilização que emergiram com a *República Federativa* e o *trabalho livre*. O "progresso" não o alcançou. Ou melhor, alcançou-o para deixar claro que a herança secular da escravidão ainda pesava sobre os seus ombros, pois para ele restavam três opções a antiga condição de agregado, a queda no lumpem, que já crescia como sombra do imigrante europeu; e a economia de subsistência. A prioridade dada ao trabalho do imigrante, que se traduzia no estímulo a imigração e à assistência aos trabalhadores estrangeiros, deixava claro que não se tratava de suscitar um leque mais generoso de possibilidades para os "libertos" se instalarem no novo âmbito do sistema de trabalho, mas na sua substituição pelo trabalhador "branco". Em outras palavras, o que estava em jogo era a ideologia de que, economicamente, o *ex-escravo* era inferior ao *trabalhador estrangeiro*.

*"(...) 1) Se o escravo, como instrumento de trabalho, é imprestável, trate o proprietário de substituí-lo por outro mais profícuo, ou pelo menos utilize-se dele segundo as atuais condições de trabalho; 2) Não há como fugir do Império dos fatos sociais: a exploração das grandes fontes de nossa riqueza é já o apanágio do homem livre e não do homem escravo. E ao passo que a introdução do estrangeiro para cooperar na nossa produção, nos acalenta de esperanças e nos anuncia uma nova era de prosperidades cada vez mais crescentes, fazendo-nos antever inauditos progressos não só na indústria até hoje explorada, a indústria agrícola, senão também na indústria manufatureira e fabril, e, em todas as manifestações da atividade social."*¹⁶

Fica evidente, pois, a ideologia perpetrada no período sobre a maior "eficácia" do trabalhador "branco" em relação ao "liberto". A política econômica defendida pelos grandes fazendeiros do café ia na mesma direção. Por exemplo, Antonio Prado acreditava que com a livre iniciativa fatalmente o imigrante iria substituir o "negro" na fronteira da produção.

*"Braços para o trabalho? Mas não conheço outro meio para ocorrer a esta exigência senão aquele que o governo se tem esforçado para empregar em larga escala, isto é, a introdução de imigrantes, e pelo modo como dirigi-la, fornecendo trabalhadores idôneos à lavoura sem que os lavradores tenham necessidade de, para este fim, despender grandes capitais."*¹⁷

Desse modo, o senhor - "que havia se libertado do escravo" - o arremessa, sem reparo algum, na nova *ordem social competitiva* que o discriminava fortemente. Embora juridicamente "liberto" e gozando das mesmas prerrogativas legais que o equiparava após a Abolição ao "homem livre", ele foi informalmente segregado, sofrendo o exílio na própria pele, para usar a expressão cunhada por Alfredo Bosi. A *ascensão social, a igualdade de oportunidades, a livre competição* e outros corolários ideológicos - que emergiram com mais força após a abolição e a consolidação da República - esbarraram no preconceito e na intolerância. Aflorava, agora que o negro não era mais "um equivalente de capital", o *preconceito* como manifestação ideológica que o impedia de competir com os "brancos". Em outros termos, aquela "mentalidade preconceituosa" que justificara a escravização do negro nos tempos da Colônia e do Império, por ele ser um "ente inferior", será novamente equacionada no interior da emergente sociedade de classes, impedindo

não só que o "liberto" tivesse acesso ao mercado de trabalho mas também a organização de uma sociedade democrática e moderna. Parece que a modernização brasileira não conseguiu se desvencilhar da sombra escravocrata secular que se agigantava frente aos homens da Primeira República como uma instituição cujos efeitos estavam longe de serem apagados da nossa sociedade; uma instituição nefasta que, por assim dizer, era a principal causadora do patrimonialismo e do nosso anacronismo em relação à História.

Diante dessa contextura, o conteúdo temático das obras de Lima Barreto pode ser considerado importante para a compreensão da sua época e, em que pese o seu caráter autobiográfico, esse era, no caso particular do escritor carioca, um elemento que conferiu à sua escrita literária uma percepção que procurava *representar artisticamente* a realidade social da nascente República¹⁸. O romancista não possuía mais a *ilusão* de que a *Lei Áurea* viria redimir a opressão secular sofrida pelos negros, ao contrário dos grandes abolicionistas anteriores a ele, pois o autor sentia de forma palpável o exílio que a sociedade republicana impunha às pessoas de sua condição.

*"A situação de intelectual discriminado pela cor e pela origem, nesse contexto pós-1888, deu-lhe uma perspectiva que não se confunde com a linha do horizonte divisada pelos abolicionistas. Ao contrário, acabou sendo o seu reverso. Luís Gama, André Rebouças e José do Patrocínio, militantes da geração que precedeu à de Lima Barreto, acreditavam lutar pela libertação da sua raça (...) pode-se dizer que o limite daquela generosa campanha foi, precisamente, o que veio a suceder no dia seguinte à Lei Áurea: os escravos foram lançados à própria sorte."*¹⁹

Certamente, Lima Barreto foi favorecido pela nova conjuntura histórica aberta com a

República, pois nesse período os escravos já haviam sido "libertos" e a realidade não cedia mais terreno à visão "romântica" que pretendia a "redenção" dos negros. As transformações políticas e sociais ocorridas com a desagregação da sociedade escravista indicava que a chama do trabalho compulsório, que articulava de maneira vigorosa toda a nossa estrutura social durante séculos, não fôra extinta. Apesar do "regime servil" estar cedendo espaço para as relações sociais capitalistas - que estavam sendo anunciadas pela incipiente industrialização do final do século XIX - os *ex-escravos* foram lançados impiedosamente no interior de uma *ordem social competitiva* dominada ainda por uma visão fortemente tradicionalista. Assim, a pena do escritor mulato procurou criticar a saída que as camadas dominantes encontraram para a solução do problema da força de trabalho - personificada na imigração de trabalhadores europeus -, que marginalizava a hipótese de integrar o negro e o mulato dentro do sistema de trabalho livre.

Portanto, parece que não podemos acusar a obra ficcional de Lima Barreto como uma "literatura menor", ou ainda, de "meras impressões de um excluído revoltado", pois essa atitude encobre a importância do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* nas nossas letras, visto que nas suas páginas, tanto nas de crítica ideológica quanto nas dos romances, percebe-se um esforço direcionado para a compreensão das linhas particulares da nossa formação histórico-social.²⁰

Esse breve esboço do significado da literatura de Lima Barreto visa situá-lo como um dos primeiros autores que refletiram sobre a condição social do negro e do mulato

após a *Lei Áurea*. Ao procurar uma reabilitação da literatura enquanto veículo de crítica social do primeiro período republicano - antecipando, desse modo, a crítica ao esteticismo parnasiano levada a cabo pelo levante modernista de 1922 - Lima Barreto colocou em pauta o destino dos seus "irmãos de infortúnio" dentro da nova ordem social emergente, pois, como já foi frisado, o trabalho escravo não tinha mais importância para a estrutura econômica brasileira.

"(...) perdendo sua importância privilegiada como mão-de-obra exclusiva, ele também perdeu todo o interesse que possuía para as camadas dominantes. A legislação, os poderes públicos e os círculos politicamente ativos da sociedade mantiveram-se indiferentes e inertes diante de um drama material e moral que sempre claramente reconhecido e previsto, largando-se o negro ao penoso destino que ele estava em condições de criar por si e para si mesmo."²¹

Nessa perspectiva, o escritor carioca inaugurou uma visão que *denunciava* a *discriminação* e a *segregação* do negro, na medida em que este se via impossibilitado de ascender socialmente numa sociedade que o obrigava a ocupar os lugares mais ínfimos. Portanto, Lima Barreto pode ser lido como um autor que não se rendeu às teorias racistas que prevaleciam no meio intelectual brasileiro dos fins do século XIX e início do século posterior. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, primeiro livro publicado do romancista, procura traduzir o "destino trágico" do povo brasileiro no tempo em que ele começou a participar da aventura da modernidade instaurada com a Abolição e a proclamação da República.

II. E NÃO TE MOSTRES MUITO, PORQUE NÓS...

Segundo Francisco de Assis Barbosa, o ano de 1908 não foi um dos melhores para

Afonso Henriques de Lima Barreto. A revista *Floreal*, cujo primeiro número foi lançado em 25/10/1907 e que já trazia estampados em suas páginas alguns trechos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, estava fadada a desaparecer. E de fato foi isso que ocorreu em 31/12/1907, data do seu quarto e último número. Esta pequenina revista representava muito para Lima Barreto, pois era com ela que ele tentava lutar contra os "mandarins" literários²². Não teve porém nenhum êxito digno de nota, a não ser a crítica favorável de José Veríssimo tanto à revista como aos primeiros capítulos de *Isaías Caminha*, que mais tarde Lima Barreto transcreveria no Prefácio das suas *Recordações*.

"Ai de mim, se fosse a 'revistar' aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica.

Vão teria mãos a medir e descontentaria a quase todos, pois a máxima delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público, e onde li um artigo 'Spencerianismo e Anarquia', do senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela 'Recordações do Escrivão /saías Caminha', pelo senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão."²³

Logo, com a extinção da *Floreal*, Lima Barreto ficou impossibilitado de ver os seus escritos publicados. O quartel general da sua luta contra o *esteticismo* era a citada revista e, com o seu desaparecimento, abateu-se sobre ele um forte desânimo. Estava muito difícil encontrar um editor para publicar as *Recordações* no Brasil, motivo pelo qual ele confiou os originais ao seu amigo Antônio Noronha Santos, para que este tentasse comercializá-los em Lisboa com o editor

português A. M. Teixeira, que remeteria os primeiros exemplares do livro a Lima Barreto no final de 1909. Curiosamente, A. M. Teixeira, numa conversa em Lisboa com Antônio Noronha Santos, dissera que o livro possuía um conteúdo que iria 'escandalizar' o meio intelectual de então.

"Ele tinha-me dito que ia fazer ler o teu romance por alguém, para dar opinião; não sei se o fez; o que garanto é que ele mesmo o leu e o leu bem lido. Frase da conversa: 'ele tem talento'. Se me é permitido dar-te um conselho, não sejas muito exigente na questão do pagamento. Não te adianta grande coisa e demora a impressão; e o livro precisa sair. Eu o autorizei friamente a mandar o livro para a tipografia: ele quer te fazer a remessa da prova em três vezes, para dar o livro pronto em junho, e posto no Brasil em julho. Está meio apavorado com a falta de notícias dos jornais daí, que fatalmente se vai dar: e um livro de escândalo, repetiu-me duas ou três vezes."²⁴

Efetivamente, a segunda parte do *Isaías Caminha* e uma crítica corrosiva à imprensa da época. Ali ele caricatura alguns tipos que faziam parte do meio jornalístico; e a caricatura mais grotesca ele coloca no personagem Raul Gusmão, "uma desconstruída mistura de porco e de símio", identificado no romance com o escritor Paulo Barreto (João do Rio). Esta atitude lhe custou uma inimizade com o referido autor, que procurou "sabotar" a edição das *Recordações* quando se encontrou com A.M. Teixeira em Lisboa²⁵.

Podemos dizer que o *Isaías Caminha* é um romance da *desilusão*. Adiantando, não se tratava mais de ver o negro e o mulato com olhos iludidos, esperando que o mundo pós-abolição viesse redimi-lo dos horrores sofridos durante séculos de cativeiro. O ambiente social que surgiu após a *Lei Áurea* não permitia mais as ilusões, pois elas se perderam quando se chocaram com a dura

realidade do emergente capitalismo brasileiro. Essa parece ser a intenção do *Isaías Caminha*, ou seja, esclarecer os elementos essenciais que constituíam a nova ordem social que emergiu com a República, demonstrando como as intenções de mobilidade social do protagonista vão sendo esmagadas no interior de uma sociedade marcada pelo preconceito. Os motivos que levaram Isaías a "escrever" o romance ficam expostos no Prefácio.

"Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida no sofá da minha sala humilde, pelo promotor público da comarca. Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na natureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles.

Li-o pela primeira vez com ódio, tive desejos de rasgar as páginas e escrever algumas verrinas contra o autor.

Considerarei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destroem; se caso, conseguem afugentar, magoar o adversário, os argumentos desses ficam vivos, de pé.

O melhor, pensei, seria opor argumentos a argumentos, pois se uns não destruísem os outros, ficariam ambos face a face, à mão de adeptos de um e tro partido."²⁶ ou

Se o objetivo do livro é "opor argumentos a argumentos", fica claro que o autor pretende defender uma causa, mostrando a sua concepção de *literatura militante* que visa tomar partido a favor das pessoas que tiveram o mesmo nascimento que o seu, isto é, o mulato. Entretanto, não são apenas as pessoas de "cor" que serão defendidas, emergindo uma *denúncia* de quase toda a sociedade, abrangendo desde a reforma urbana do Rio de Janeiro até a imprensa e o exibicionismo verbal dos "falsos literatos".

De acordo com Maria Zilda Ferreira Cury, o nome do personagem já reflete o clima de *denúncia* que envolve o livro. Isaías é o nome do profeta do Velho Testamento que pretendia "desmascarar" as injustiças sociais da sua época. Por outro lado, Caminha, o *escrivão* da esquadra de Cabral, é aquele que anuncia a D. Manuel a *descoberta de uma nova terra*.

"A situação de denúncia ligada ao escrever já vem desde a escolha do nome do personagem-narrador Isaías Caminha. O nome de um profeta, Isaías (...) e da primeira pessoa que escreveu sobre o Brasil, o também escrivão, Pero Vaz de Caminha. (...) A dimensão social da justiça está muito presente na boca do profeta Isaías, na crítica às injustiças praticadas pelos líderes políticos do seu tempo, na denúncia de seus desmandos.

(...) Com relação ao nome 'Caminha' tem-se dupla analogia: o escrever e o anunciar. Ao escrivão, da frota de Cabral, coube a tarefa de anunciar, numa carta, a descoberta de uma nova terra.

O par Isaías Caminha aponta para o "escrever", mas não um escrever qualquer, mas um escrever que denuncia a injustiça, a opressão e, ao mesmo tempo, anuncia algo novo. Vê-se aí a manutenção de uma postura de oposição. Assim, já no nome escolhido para o personagem pode-se depreender a concepção da função do escritor, daquilo que Lima considera como sendo uma missão, um dever: o denunciar as injustiças de seu tempo, o alinhar-se com os marginalizados, o 'rediatraves da literatura.'" ²⁷

Além disso, podemos inferir que *Pero Vaz de Caminha* é aquele que relata pela primeira vez a entrada do Brasil nos quadros da história do ocidente, enquanto na Primeira República *Isaías Caminha* contempla na sua narrativa a inserção do Brasil no âmbito da fase imperialista, que é um novo patamar do capitalismo mundial. Portanto, *denúncia social* de Isaías aliada a descrição de um período histórico determinado, ou seja, a manifestação da nova realidade brasileira que se implantou com a Abolição e a República.

É significativo entender o motivo que impulsionou Isaías a escrever o livro, ou seja, "as multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza das pessoas do meu nascimento", que ele leu numa "revista nacional". Podemos notar que o livro estabelece um debate - "opor argumentos a argumentos" - com as teorias racistas que predominavam no meio intelectual brasileiro desde o século XIX até meados do atual. Segundo Emília Viotti da Costa, os intelectuais brasileiros do referido período receberam a influência de autores como Lapouge e Gobineau, que defendiam a tese da superioridade da raça "branca" em relação aos povos "mestiços". Contudo, essas teorias não foram "importadas" mecanicamente, mas adequaram-se à realidade brasileira de uma forma peculiar.

*"Quando olhamos mais de perto o que esses intelectuais faziam com as idéias racistas européias, torna-se claro que eles não eram passivos receptores de idéias produzidas no exterior, meras vítimas de uma mentalidade colonial que procuravam ver sua realidade através de idéias vindas do estrangeiro. Seria talvez mais correto dizer que eles viam aquelas idéias através de sua realidade. A elite branca já tinha em sua própria sociedade os elementos necessários para forjar a sua ideologia racial. Tinha aprendido desde o período colonial a ver os negros como inferiores. Tinha também aprendido a abrir exceções para alguns indivíduos negros ou mulatos. Qualquer europeu ou americano que postulasse a superioridade branca seria necessariamente bem recebido. Ele traria a autoridade e o prestígio de uma cultura superior para as idéias já existentes no Brasil. Os brasileiros teriam que fazer apenas alguns ajustes. E os fizeram. Para formular o 'problema negro' em seus próprios termos, eles 'descartaram duas principais suposições das teorias racistas européias: a natureza inata das diferenças raciais e a degeneração dos povos mestiços'. Assim, embora afirmando a superioridade dos brancos sobre os negros, eles tinham meios para aceitar negros em seus grupos. E tinham a esperança de eliminar o 'estigma negro no futuro, através da miscigenação.'"*²⁸

Todavia, a aceitação de alguns negros e mulatos na esfera das elites se dava quase sempre por intermédio da *patronagem*. Ou seja, inseridos no interior do sistema de clientela, homens brancos e pobres, mulatos e negros, submetiam-se à elite branca através da *prática do favor*. Nesse sentido, o negro e o mulato não competiam em igualdade de condições no mercado, mas ascendiam socialmente, o que era raro, sob a sombra da "elite branca". Por isso mesmo, era a referida elite que controlava os mecanismos de ascensão como bem lhe aprouvesse. Lima Barreto, ainda no *Prefácio*, indica o caminho que norteará o seu debate com as teorias racistas e com a vida social que impedia a mobilidade do negro ou do mulato.

*"Não é meu propósito fazer obra de ódio; de revolta enfim; mas uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, a mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insíndia do veneno."*²⁹

A análise do universo familiar de Isaías é importante, pois ele carrega uma oposição que marca a evolução do personagem dentro do romance. O pai de Isaías além de ser branco era um sacerdote, enquanto a sua mãe era negra. Já aí existe um contraste: o pai instruído inculcava no pequeno Isaías a idéia de ascensão burguesa através da instrução, enquanto a mãe representava a ignorância do "mundo dos negros".

"O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquela faculdade de explicar tudo, aquele seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um ti-

*tulo para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente. Sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados... se minha mãe me aparecia triste e humilde - pensava eu naquele tempo - era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicara natureza da chuva...."*³⁰

Portanto, um elemento essencial irá conduzir Isaías para o Distrito Federal em busca de fama e notoriedade: a crença de que o título de doutor iria apagar tanto o seu nascimento humilde como a sua cor, fazendo-o entrar para o "mundo dos brancos", para "outra casta".

*"Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida afora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro."*³¹

E, para que Isaías pudesse obter o tão almejado título, duas visões de mundo o influenciaram: a do seu tio carteiro Valentim, também mulato, e a da sua professora de colégio que tinha "olhos azuis e cabelos castanhos". Também neste ponto existe a tensão entre o universo dos "brancos" e dos "negros". Valentim havia sido cabo eleitoral do Deputado Castro e, por isso, vai pedir ao chefe político local, Coronel Belmiro, uma carta de apresentação para que o citado Deputado obtivesse um emprego para Isaías na capital. Portanto, Valentim personifica o *sistema de clientela*, um dos únicos meios que possibilita tanto a ascensão social dos "pobres" quanto o controle que a elite exerce sobre eles, ofuscando a luta popular pela cidadania.

"- Vossa Senhoria podia dizer na carta que o Isaías ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatórios, e

*precisava, por ser pobre, que o doutor lhe arranjasse um emprego."*³²

Em oposição, a professora branca representa o mito do *self-made man*. Esta professora havia presenteado Isaías com um livro intitulado *O Poder da Vontade*, que trazia estampadas em suas páginas as "biografias heróicas" de Palissy, Watt, Benjamin Franklin, etc. Este livro influenciou o pequeno Isaías na medida que lhe transmitia uma concepção - muito difundida na América do Norte e Europa - que valorizava a crença na ascese e na vontade individual para ascender socialmente.³³ Nesses termos, Isaías acreditava que a sua aplicação nos estudos, as suas ótimas provas e os seus vários esforços individuais iriam levá-lo ao sucesso no Rio de Janeiro.

*"Quando acabei o curso do liceu, tinha uma boa reputação de estudante, quatro aprovações plenas, uma distinção e muitas sabatinas ótimas. Demorei-me na minha cidade natal ainda dois anos, dois anos que passei fora de mim, excitado pelas notas ótimas e pelos prognósticos da minha professora, a quem sempre visitava e ouvia. Todas as manhãs, ao acordar-me, ainda com o espírito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro, a sibila me dizia ao ouvido: Vai, Isaías! Vai!... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio!"*³⁴

Portanto, podemos traçar as linhas gerais das visões de mundo que impulsionariam Isaías para o Distrito Federal: *a valorização da instrução, o esforço individual e, paradoxalmente, a proteção de um membro da elite*. Esses três elementos combinados seriam os veículos que poderiam conduzi-lo à ascensão social. Não obstante, existia um quarto elemento que iria se tensionar, isoladamente, com os outros três: a mãe de Isaías, que era duplamente discriminada, primeiro por ser negra e segundo por ser mulher. Essa personagem figura no romance

como uma peça que desmistifica as idéias sociais do jovem Isaías; concepções essas que se transformarão na medida em que o romance evolui. Por isso mesmo, ainda que embrionariamente, a mãe do protagonista representa a desilusão que se abaterá sobre ele no decorrer do enredo, quando todas as suas percepções subjetivistas se diluírem ao tomarem contato com a realidade concreta.

"Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e a inteligência, qualidades a mais na minha frágil consciência social, haviam de trair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho. Aos seus olhos (...) eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso, cercalá-ia logo o ambiente de sedução e corrupção, e havia de acabar por aí, por essas ruas...

(...)

No dia seguinte, quando me despedi, ela me deu um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados terror, pena, admiração e amor.

*- Vai meu filho, disse-me ela afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós..."*³⁵

A frase "e não te mostres muito, porque nós..." carrega um significado que denuncia a posição social inferior de Isaías e a discriminação que ele iria sofrer no Rio de Janeiro. Ou seja, apesar dos seus dotes intelectuais e da sua boa vontade individual em aprender, o protagonista deveria ocupar sempre uma posição subalterna dentro da sociedade, estando sujeito a constantes humilhações. E isso parece começar a ocorrer já durante a sua viagem de trem à capital.

"O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma nota para pagar. Como se demoras-

*sem em trazer o troco reclamei: 'Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?! Ao mes-mo tempo a meu lado, um rapazola alourado, recla-mava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os pre-sentes me lançaram, mais cresceu a minha indigna-ção. Curti durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em re-vista a minha roupa e a minha pessoa.... Os meus de-zenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afiados e esguios, eram herança de mi-nha mãe (...) Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfei-tamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azei-tonada. Além de tudo, eu sentia que a minha fisionomia era animada pelos olhos castanhos, que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei de meu pai. Demais, a emanção da minha pessoa, os des-prendimentos da minha alma, devia ser de mansue-tude, de timidez e bondade... por que seria então, meu Deus?"*³⁶

Percebe-se nesta passagem que Isaías busca a causa do "contraste de tratamento" em aspectos individuais tanto exteriores (físico) quanto interiores (personalidade). Entretanto, ele não se dá conta, pelo menos nesse primeiro momento, de que a origem do referido contraste é fundamentalmente social e racial. Nesse sentido, ele não consegue compreender as raízes profundas do problema, já que parte de premissas subjetivas para o seu entendimento.

Todavia, a partir desse incidente as desilusões vão se sucedendo para Isaías. E, à medida que elas avançam, a realidade parece que vai se tornando mais clara para ele. Com efeito, Lima Barreto colocará o protagonista em contato com os tipos mais significativos da vida social metropolitana, "os quais, na medida em que expressam alternativas

humanas concretas, vão educando o protagonista - no bem e no mal - a ver o mundo sem ilusões."³⁷

O encontro de Isaías Caminha com o Doutor Castro, seu suposto "protetor", expressa a incipiente mudança de atitude do protagonista em relação à vida social que o cercava. Depois da recusa do Doutor Castro em lhe conseguir um emprego, Isaías reflete:

*"Veio-me um assomo de ódio, de raiva má, assassina e destruidora: um baixo desejo de matar, de matar muita gente, para ter assim o critério da minha existência de fato. Depois dessa violenta sensação na minha natureza, invadiu-me uma grande covardia e um pavor sem nome: fiquei amedrontado em face das cordas, das roldanas, dos contrapesos da sociedade; senti-os por toda parte, graduando os meus atos, anulando os meus esforços; senti-os insuperáveis e destinados a esmagar-me, reduzir-me ao mí-nimo, a achatar-me completamente (...) Saltara dos meus desejos heróicos para imaginar expedientes com que saísse da miséria em perspectiva. Aceitaria qualquer coisa, qualquer emprego... Recordei-me das minhas leituras, daquele Poder da Vontade, das suas biografias heróicas: Palissy, Watt, Franklin... Sorri satisfeito, orgulhoso; havia de fazer como eles (...)"*³⁸

Os limites que a sociedade impõe a ascensão social das pessoas de sua condição e cor já começam a ser percebidos pelo protagonista. Entretanto, Isaías ainda crê, como podemos perceber pela citação acima, na ideologia do *self-made man*. E essa crença vai sendo abalada à medida que se acentuam as discriminações. Por exemplo, quando houve um roubo no Jenikalé, onde Isaías estava hospedado, o dono do hotel o coloca sob suspeita justamente por ele ser mulato. Na delegacia, Isaías ouvirá outras referências preconceituosas.

"A sala da delegacia voltou novamente ao seu silêncio primitivo. Um soldado veio apresentar-se, trocando rápidas palavras com o inspetor. Um relógio próximo bateu quatro horas. Dos compartimentos do fundo, chegou um personagem ventruado, meão de

altura, de pernas curtas, furta-cor, tendo atravessado no peito um grillão de ouro, donde pendia uma imensa medalha cravejada de brilhantes. Dirigiu-se ao inspetor:

- Raposo, vou sair: há alguma coisa?

- Nada, Capitão Viveiros.

- E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal 'mulati-nho'?

*Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo: a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se junta-va ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés desse e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez: aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso (...) O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário de um representante do Governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso".*³⁹

Este trecho das *Recordações* é bastante significativo. Primeiro porque Isaías se dá conta que seus atributos individuais, "inteligente" e "estudioso", não o levariam a "fazer-se por si próprio", pois a realidade se lhe afigura agora de uma maneira bastante crua. Segundo porque, logo após essa tomada de consciência de sua cidadania incompleta, ele conclui que o mulato, apesar de ter formalmente as mesmas prerrogativas legais dos demais cidadãos, permanece segregado do universo social e político mais amplo dos direitos. Quando acaba o seu dinheiro ele vai pedir emprego em uma padaria.

"- Foi o senhor que anunciou um rapaz para....

- Foi: é o senhor? Respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.

- Sou, pois não.

- O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando as costas de mau humor:

- Não me serve.

- Por quê? atrevi-me eu.

- Porque não me serve.

E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me que esse deveria ser o proceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a depender tanta força de vontade, tanta energia com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro. Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! Que havia nisso demais?⁴⁰

Lima Barreto coloca uma questão importante para a realidade do negro e do mulato no mundo pós-abolição ao demonstrar o descompasso em relação aos "sentimentos liberais" de Isaías e a vida social brasileira do começo do século, pois nas entrelinhas da citação acima fica claro que o padeiro o preteriu por ser mulato. Nesse sentido, o escritor carioca revela que a democracia do início do Brasil republicano restringia-se ao nível muito vago das regras políticas, pois as práticas sociais estavam muito longe de serem democráticas.

Na segunda parte do romance - quando Isaías ingressa como contínuo num dos principais jornais da época, *O Globo* - Lima Barreto realiza uma crítica mordaz da imprensa, pois demonstra como ela paulatinamente se corrompe⁴¹. Está presente também uma crítica ao academicismo,

simbolizada nos personagens Lobo, "o consultor gramatical", e Floc, "o crítico literário". E, durante o diálogo entre Floc e um repórter do jornal, Oliveira, patenteia-se o escárnio que a imprensa devotava ao negro e ao mulato.

"Floc, porém, sobre todos tinha o grande prestígio de ter estado em Paris e ter sido segundo secretário da nossa legação em Quito. Por isso, ele mesmo se julgava mais despudoradamente artista que o resto dos rapazes que faziam literatura pelo Brasil em fora; e o seu estágio diplomático em Quito dava-lhe também uma infalível julgamento das coisas de alta elegância e um saber inarrável nas maneiras de tratar duquesas e princesas. Fazia a crônica literária, as crônicas teatrais dos espetáculos de todas as celebridades, as informações sobre literatura e pintura, além do plantão semanal em que ajeitava fra-ses lindamente literárias, dados da psicologia chic, às notícias de assassinatos perpetrados por soldados ébrios na Rua São Jorge, não esquecendo nunca de dizer que o 'criminoso' é o tipo acabado do criminoso nato, descrito pelo genial criminalista italiano Lombroso. A sua entrada não perturbou a conversa. - ... um moleque! zurrou o Oliveira.

- De quem falas, Oliveira? Indagou o recém-chegado.

- Um mulato aí, um tal Andrade...

- Icomoda-te o que ele escreve?

- Com certeza, pois se chama o doutor Ricardo de pirata, de barba roxa...

- Ora! Tu! Essa gente está condenada a desaparecer, a ciência já lhes lavrou a sentença...

Ele de ciência sabia o nome e ignorava a conta de dividir. Calou-se um instante e acrescentou:

- É preciso fulminar os nulos!⁴²

A frase "esta gente está condenada a desaparecer, a ciência já lhes lavrou a sentença..." assinala a profunda influência do racismo da época de Lima Barreto. Nos primeiros anos do século XX alguns círculos recepcionaram intensamente uma literatura de caráter "científico", que procurava confirmar as teses de "superioridade racial". É com essas correntes que o autor pretende "opor argumentos", demonstrando que o drama do negro e do mulato estava enraizado

numa sociedade em que a democratização estava longe de ser alcançada. Isaías Caminha, que havia experimentado subjetivamente as possibilidades de ascensão social prometidas pela época republicana, chega a perceber objetivamente que a *igualdade social* anunciada pelo mundo pós-abolição é uma ideologia que encobre a *segregação* da população de "cor". Apesar de Isaías ascender socialmente - enriquecendo e tornando-se deputado -, essa ascensão se corporifica pelas mãos paternalistas de Ricardo Loberant, diretor d' *O Globo*. Dessa maneira, Lima Barreto demonstra que a mobilidade social ocorre de forma individual e ocasional através do *favor* de um membro da elite.⁴³

"Oueria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar às mulheres; mas as sombras e as nuvens começavam a invadir-me a alma, apesar daquela vida brilhante. Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; sentia também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome (...) Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser: abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia. Lembrava-me da minha mãe, da sua miséria, da sua pobreza, naquela casa tosca; e parecia-me também condenado a acabar assim e todos nós condenados a nunca ultrapassar.

(...) Lembrava-me... Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não a pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz. Sentia-me repelente, repelente de fraqueza, de falta de decisão e mais amolecido agora com o álcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o diretor para obter dinheiro... (...)

Sentia-me desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer.

*Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim."*⁴⁴

Este romance narrado em primeira pessoa - no qual predomina mais ou menos um tom autobiográfico - ressalta, como já indicamos, a luta de Lima Barreto contra o *racismo* e a *exclusão dos negros*. Através dos desgostos íntimos do protagonista alavancados pelo preconceito, o autor procura retratar a "sorte" dos negros e dos mulatos em uma sociedade tão marcada pela instituição escravocrata que, mesmo depois de abolida, deixou a grande massa da população brasileira entregue a um baixo grau de *existência civil*. Isto porque a nossa *herança colonial* não desaparecera completamente, deixando o trabalhador, mesmo livre, quase sempre nas mesmas condições do escravo, dificultando profundamente a realização plena da cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**. José Olympio, 5ª edição, Rio de Janeiro-Brasília. 1975.
- BARRETO, Lima. **Coisas do Reino de Jambom**. Editora Mérito. Rio de Janeiro-São Paulo, 1952.
- _____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Ediouro, Rio de Janeiro, s/d.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. Companhia das Letras. 3ª edição, São Paulo, 1992.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. Editorial Grijalbo. São Paulo. 1977.
- COUTINHO, Carlos Nelson. "O Significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira", em **Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1974.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. **Um Mulato no Reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto**. Editora Cortez, São Paulo, 1981.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Editora Ática, 3ª edição,

vol. 1, São Paulo, 1978.

GOENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. Editora Ática, 3ª edição, São Paulo, 1980.

IANNI, Octávio. **A Idéia de Brasil Moderno**. Editora Brasiliense, 2ª edição, São Paulo, 1994.

_____. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. Editora Brasiliense, 3ª edição, São Paulo, 1987.

LUKÁCS, Georg. "La Comedia Humana de la Russia Prerrevolucionaria", em **Ensayos sobre el Realismo**. Ediciones Siglo Veinte, Buenos Aires, s/d.

. "O Realismo Crítico na Sociedade Socialista", em **Realismo Crítico Hoje**. Editora de Brasília, Brasília, 1969.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a monarquia e a república**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984.

PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. Editora Brasiliense, 16ª edição, São Paulo, 1973.

SCHWARZ, Roberto. "As idéias fora do lugar", em **Ao vencedor as batatas**. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1992.

WEBER, Max. **História Geral da Economia**. Editora Mestre Jou, São Paulo, s/d.

¹ Octávio Ianni. *A Idéia de Brasil Moderno*. Editora Brasiliense, 2ª edição, São Paulo, 1994, p. 22.

² Lima Barreto. "Tribunal Histórico Republicano", em *Coisas do Reino de Jambom*. Editora Mérito, Rio de Janeiro-São Paulo, 1952, pp. 265-266.

³ "(...) O liberto viu-se convertido, sumária e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva" - Florestan Fernandes. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. Editora Ática, 3ª edição, vol.1, São Paulo, 1978, p. 15.

⁴ Roberto Schwarz. "As Idéias fora do lugar", em *Ao vencedor as batatas*. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1992, pp. 14-15, grifos meus.

⁵ "(...) isto é, que existam pessoas, não somente no aspecto jurídico, mas também no econômico, obrigadas a vender livremente sua atividade num mercado (...) Apenas sobre o setor do trabalho livre resulta possível um cálculo racional do capital (...)" - Max Weber. *História Geral da Economia*. Editora Mestre Jou, São Paulo, s/d, p. 251.

⁶ Octávio Ianni. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Editora Brasiliense, 3ª edição, São Paulo, 1987, p. 21.

⁷ "Outro fator que condicionará a tendência anti-escravista do Brasil independente é a questão do tráfico africano. Esse último e a escravidão achavam-se indissoluvelmente ligados; esta não podia se manter sem aquele (...)" - Caio Prado Júnior. *História Econômica do Brasil*. Editora Brasiliense, 16ª edição, São Paulo, 1973, p. 144.

⁸ A crise do antigo sistema colonial português está ligada, fundamentalmente, à perda do monopólio comercial lusitano que se instaurou com a Abertura dos Portos (1808) e à Independência Política de 1822. Essas duas datas marcaram a ascensão da burguesia comercial cafeeira, que se consolidou no Brasil a partir de 1840 ao efetuar a acumulação de capital pela comercialização e plantio do café. Por outro lado, após as revoluções de 1848, a burguesia europeia alcançou o poder político e o capitalismo se constituiu definitivamente enquanto modo de produção. Neste período, a expansão comercial acelerou-se, aumentando consideravelmente o poderio econômico do capitalismo do Velho Mundo, e, em consequência, abriram-se as portas do mercado internacional para a exportação de produtos primários. Foi dentro dessa conjuntura política e econômica mundial favorável que o café encontrou terreno fértil para prosperar.

⁹ Tavares Bastos. *Cartas do Solitário*. Nacional, 4ª edição, São Paulo, 1945, Carta XI. Cf. Alfredo Bosi. "A escravidão entre dois liberalismos", em *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras, 3ª edição, São Paulo, 1992, p. 224.

¹⁰ *O Centro Liberal*. Brasília, Ed. Senado Federal, 1979, p.44, grifos meus. Cf. Alfredo Bosi, citado, p. 231.

¹¹ Alfredo Bosi, citado, p. 234.

¹² Sobre esse assunto consultar Jacob Goender. *O Escravismo Colonial*. Editora Ática, 3ª edição, São Paulo, 1980, pp. 570-571.

¹³ Caio Prado Júnior. *História Econômica do Brasil*, citado, p. 167, grifos meus.

¹⁴ "Carta a Rebouças", Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1893, transcrita em Joaquim Nabuco, *Cartas a Amigos*, São Paulo, Ipê, vol. I, p. 219. Cf. Alfredo Bosi, citado, pp. 244-245.

¹⁵ "(...) os efeitos dessa concorrência foram altamente prejudiciais aos antigos escravos, que não estavam preparados para enfrentá-la. Mas, correspondiam aos interesses dos proprietários de terras e donos de fazendas, tanto quanto os mecanismos normais da ordem econômica emergente." - Florestan Fernandes. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, citado, pp. 15-17.

¹⁶ *O Correio Paulistano*, 11/11/1887. Cf. Florestan Fernandes, citado, p. 36.

¹⁷ Antonio Prado no Império e na República. Seus discursos e artigos coligidos e apresentados por sua filha Nazareth Prado. F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, 1929, pp. 245 e 33. Cf. Florestan Fernandes, citado, p. 36, grifos meus.

¹⁸ "Como em Ia obra de varios grandes poetas épicos - pensamos sólo en Ias grandes figuras de Rousseau, Goethe, Tolstoi -, asi también en Ia obra épica de Gorki *Ia autobiografia ocupa um lugar importante. Los grandes narradores que han sintetizado los caracteres esenciales de su época, han experimentado assimismo en su vida el desarrollo de los problemas contemporâneos. Y la apropiación de los contenidos más importantes de Ia época es un processo que constituye un elemento muy esencial y característico de Ia época misma.*" - Georg Lukács. "La Comedia Humana de Ia Russia Prerrevolucionaria", em *Ensayos sobre el Realismo*. Ediciones Siglo Veinte, Buenos Aires, s/d., p. 304, grifos meus.

¹⁹ Alfredo Bosi. "Sob o Signo de Cam", em *Dialética da Colonização*, citado, p. 206.

²⁰ "(...) a verdadeira grandeza de um escritor tem as suas raízes na profundidade e na riqueza das suas relações com a

realidade efetiva (...) Aquilo que, antes de mais nada, devemos aprender com os 'mestres' da literatura, do passado e do presente, é precisamente essa mais profunda concepção do mundo e, por conseguinte, essas relações vivas mais amplas, mais intensas e mais aprofundadas com a realidade efetiva." - **Georg Lukács**. "O Realismo Crítico na Sociedade Socialista", em *Realismo Crítico Hoje*. Editora de Brasília, Brasília, 1969, p, 193.

²¹ **Florestan Fernandes**. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, citado, p. 18, grifos meus.

²² **Francisco de Assis Barbosa**. *A Vida de Lima Barreto*, citado.

²³ **José Veríssimo**, *Jornal do Comércio*, 9/12/1907.

²⁴ Carta de Antônio Noronha Santos a Lima Barreto, 13/03/1909, em *Lima Barreto: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*, citado, p. 213.

²⁵ "O escritor Paulo Barreto, o João do Rio - que inspirou o personagem *Raul Gusmão*, de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* - voltava de Lisboa, onde encontrou o editor A. M. Teixeira, de acordo com o relato de Antônio Noronha Santos, já na citada carta de 13/03/1909: 'O M. Teixeira perguntou-lhe, sem falar no romance, se ele te conhecia Ele respondeu que não. Que f. Da p.!. Em carta de 03/04/1909. assim refere-se Lima Barreto ao assunto a Antonio Noronha Santos : "(...) O tal Paulo Barreto chegou [de Lisboa, onde havia afirmado ao editor português que não conhecia Lima Barreto]. Falou a respeito do livro. Não achas engraçado que ele tivesse lembrado do caso? Surpreendeu-me que ele soubesse do assunto do livro. Não me incomodei com a história. Sabes bem que o Paulo Barreto é covarde de toda natureza. Ele imaginou no primeiro momento que se tratasse de alguma pergunta sem alcance, mas, tendo sabido que era um livro, arrependeu-se e correu ao João para ver se amaciava a cousa. *Gostei até, porque justifica os deboches que lhe faço.*" - *Lima Barreto: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*, citado, pp. 214-215, grifos meus.

²⁶ **Lima Barreto**. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, citado, p. 22, grifos meus.

²⁷ **Maria Zilda Ferreira Cury**. *Um Mulato no Reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. Editora Cortez, São Paulo, 1981, pp. 103-107.

²⁸ **Emília Viotti da Costa**. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. Editorial Grijalbo, 1ª edição, São Paulo, 1977, pp. 233-234. Quanto à questão de a elite brasileira abrir algumas "exceções" em relação à mobilidade de negros e mulatos, pensemos no exemplo de Machado de Assis.

²⁹ **Lima Barreto**. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, citado, p. 23, grifos meus.

³⁰ Idem, p. 27

³¹ Idem, p. 31, grifos meus.

³² Idem, p. 30, grifos meus.

³³ Sobre esse assunto consultar Emília Viotti da Costa, citado, p. 229.

³⁴ **Lima Barreto**. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. citado, p. 28.

³⁵ Idem, p. 32, grifos meus.

³⁶ Idem, p. 33, grifos meus.

³⁷ **Carlos Nelson Coutinho**. "O Significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira", em *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro,

1974, pp. 26-27.

³⁸ **Lima Barreto**. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, citado, p. 53, grifos meus.

³⁹ Idem, p. 56, grifos meus.

⁴⁰ Idem, p. 64.

⁴¹ "O *Correio da Manhã* era atingido duramente pela pena do romancista, que o descrevia qual um museu de mediocridades, tendo à frente um diretor violento, mestre de descomposturas destruindo reputações em nome da moral, mas que não passava, na realidade, de um êmulo de Tartufo, corrupto e devasso.

Nada mais natural, portanto, que o grande jornal se fechasse em copas, olímpicamente, sem tomar conhecimento sequer da existência de *Isaiás Caminha* e do seu criador. O espírito de *coterie* fez o resto. Os demais jornais também receberam de pé atrás o livro inconveniente e atrevido, onde tantas figuras ilustres e respeitáveis - algumas delas, diga-se de passagem, falsamente ilustres e falsamente respeitáveis - eram retratadas ao vivo, quase sem nenhum disfarce.

Efetivamente, como pouca gente letrada no Brasil hoje ignora, o romance de Lima Barreto é uma sátira ao *Correio da Manhã*, escolhido entre os demais por ser o de maior sucesso, o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época " - Francisco de Assis Barbosa *A Vida de Lima Barreto*, citado, pp. 173-174.

⁴² Idem, pp. 82-83.

⁴³ Este tipo de ascensão social está enraizado historicamente na sociedade brasileira, no que diz respeito às classes subalternas. De acordo com Marco Aurélio Nogueira, "(...) a massa escrava não só ficava reduzida a grave impotência política como convertia-se em presa fácil dos mecanismos de *cooptação* e *favor* engendrados quase espontaneamente pelo sistema societário da escravidão. Tais mecanismos alcançavam o escravo e reforçavam a sua condição de serviçal, dócil e subalterno, acostumado a tudo esperar do senhor: mas agiam preferencialmente sobre os negros livres e alforriados, buscando transformá-los em não-negros bem-comportados e espertos o suficiente para aproveitar as chances oferecidas pela generosidade do senhor branco. Tanto num caso como em outro, acabaram por 'decapitar' eventuais lideranças, amortecer os impulsos de revolta e obter um acatamento passivo da ordem de coisas estabelecida: ao invés da emancipação coletiva, a ascensão individual pelas mãos dos poderosos. **Marco Aurélio Nogueira**. *As Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco, a monarquia e a república*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1984, p. 92, grifos meus.

⁴⁴ **Lima Barreto**. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, citado, pp. 134-137, grifos meus.